

Cecília era uma garotinha muito alegre e risonha, gostava de fazer muitas perguntas e queria saber de tudo. Mas o que ela queria mesmo era entender por que tinha o cabelo cacheado, se sua mãe e sua irmã tinham cabelo liso e seu pai tinha a cabeça raspada.

A menina se achava feia e deseja ter um cabelo igual ao da sua irmã. Será que ela conseguiu mudar seu cabelo? Ou será que aceitou os cachinhos? Leia esta encantadora história e descubra o que aconteceu com Cecília e seu cabelo cacheado.

Os cachinhos de Cecília

Suelany Ribeiro

Ilustrações:
Cayo Ogam

REFERÊNCIA DA EDITORA - 40.553
ISBN 978-85-8168-340-9



9 788581 683409 >

**PRAZER
DE
LER**
Acreditando no futuro do Brasil



Os cachinhos de Cecília

Suelany Ribeiro

Ilustrações:
Cayo Ogam





Os cachinhos de Cecília

Suelany Ribeiro

Ilustrações
Cayo Ogam

Editora
Isabela Nóbrega
Márcia Regina Silva

Revisão
Equipe pedagógica

Direção de Arte
Wilton Carvalho

Projeto Gráfico
Alexsandro J. de Santana

Coordenação Editorial
Editora Prazer de Ler
Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680
CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista / PE
Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638
CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

R484c

Ribeiro, Suelany
Os cachinhos de Cecília / Suelany Ribeiro ;
ilustrações: Cayo Ogam. – Recife : Prazer de Ler, 2015.
16 p. : il.

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO.
2. MISCIGENAÇÃO – LITERATURA INFANTOJUVENIL.
I. Ogam, Cayo, 1985-. II Título.

PeR – BPE 15-218

CDU 869-0(81)-93
CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-8168-340-9

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Cecília é uma linda e divertida garotinha. Adora fazer perguntas, principalmente aos seus pais.

Perguntava sobre o Sol, os animais, os arrotos, o vento, a chuva... Mas se tinha uma coisa que a intrigava, era o seu cabelo.



Papai tinha a cabeça raspada.

Mamãe, o cabelo liso e preto, então por que nascera com cachinhos? Muitos cachinhos...

Sua irmã mais velha, filha da mamãe no primeiro casamento, também tinha cabelo liso. Cecília a admirava tanto, achava-a bonita, inteligente, queria ser igual a Carla.

Seus pais lhe explicaram que Cecília era especial, pois trazia consigo a mistura de duas grandes etnias brasileiras: a negra e a branca. Mas Cecília não compreendia nada daquelas palavras difíceis e bonitas. Queria brincar e ser igual a sua irmã.





Começou pelo cabelo: passou uma tarde inteira esticando os cachinhos, mas em qualquer simples descuido eles pulavam feito molinhas.

O braço doeu bastante de ficar na mesma posição, as cãibras foram intensas e no final do dia, desistiu de puxar o cabelo.

No dia seguinte, pegou a pranchinha de uma coleguinha e escovou o cabelo. Achou aquilo magnífico, ele estava bem parecido com o da sua irmã.

Seus pais não gostaram da travessura da garota, mas ela não pensou duas vezes: iria ficar com aquele novo visual.



Foi brincar com os seus amigos, correu, pulou, tomou banho de mangueira e o seu cabelo encolheu.

Cecília ficou muito triste, pois não imaginava que o seu cabelo, antes liso e igual ao da irmã, voltasse a ser cacheado. Voltou para a casa cabisbaixa e vergonhosa. Entrou em casa e foi direto para o seu quarto. A mãe dela estranhou o comportamento da menina, sempre feliz e risonha.





Resolveu dar uma boa notícia, no dia seguinte iriam visitar Carlinha, a irmã mais velha de Cecília. Neste dia, a garotinha de cachinhos nem se animou com o que a mãe falara.



Na manhã seguinte, as duas foram até a casa da Carlinha. A jovem estava animada, pois iria receber uma amiga que estudara com ela na faculdade. Carlinha havia feito faculdade em outro estado e ficara hospedada durante um ano na casa da amiga baiana. Agora era a vez de retribuir a hospitalidade.

A irmã mais velha fez várias comidas típicas pernambucanas e um banquete de frutos do mar. Embora estivesse feliz com a chegada da amiga, não escondia o incômodo em ver a tristeza de Cecília. Decidiu conversar com a garota, a fim de descobrir o que ocorrera.





— Oi, linda! O que houve? Por que você está tão tristonha?

— Não é nada.

— Como não? Conheço você. Aconteceu alguma coisa e não adianta me esconder.

— É que sou muito feia. Queria muito ser igual a você, mas não consigo... Sou mais escura e o meu cabelo é cheio de molinhas...

— Meu amor, você é linda e os seus cachinhos mais ainda! Cada ser humano é diferente, com cabelos lisos, cacheados, ondulados... Nós somos filhas de pais diferentes, por isso possuímos traços tão diversos.

(A campainha toca, é a visita que chega)

— Depois conversamos, Ceci. Tenho que receber a minha amiga. Vamos!

Mesmo após a explicação e cuidado da irmã, Cecília não se achava bonita. Via-se distorcida diante do espelho.





A amiga da sua irmã chegara, chamava-se Betânia. Era do interior da Bahia, mas atualmente, morava em Salvador. Betânia tinha a pele negra, cabelos curtos e cacheados. Era bonita e no cabelo trazia um lindo arranjo de flor. A menina Cecília ficara encantada com a beleza da baiana, ela vinha a Recife pela primeira vez. Carla a levaria aos pontos turísticos de Recife e Olinda. As duas estavam animadas e não paravam de falar, relembrar histórias, trocar confissões e dar muitas, muitas risadas.

Cecília ria com as histórias de Betânia. Parecia até esquecer-se da tristeza que antes a tomava conta. Na hora do almoço, ela, a mãe, a irmã e Betânia se descontraíram bastante, conversaram muito sobre as belezas dos estados: Bahia e Pernambuco. A menina não escondia a sua admiração por Betânia, era bonita e muito engraçada. Cecília tinha um novo ídolo.





Após o almoço do domingo, foram assistir ao ensaio de Carla em Olinda. Ela tocava em um grupo de maracatu e ensaiava durante o ano para as apresentações carnavalescas.

Cecília ficou encantada com as rufadas das alfaias. Foi pelas ladeiras da cidade histórica que aceitou a sua identidade negra. Daquele dia em diante, deixou o vento secar os seus lindos cachinhos, herança dos povos negros que ajudaram a formar a cultura brasileira.





Suelany Ribeiro

Pernambucana e neta de sertanejos, Josés e Marias, passou a infância entre os espaços do sertão e da região metropolitana do Recife. Desde menina, era fascinada por histórias e cantigas, cultivadas pela leveza e imaginação da sua avó materna, Maria. Por incentivo do pai, também chamado José, decidiu cursar Letras. Apaixonou-se pelo curso no primeiro dia de aula. Desde então, decidiu que seria pesquisadora. Desenvolveu, na graduação, projetos voltados para a área de Literatura de Cordel. Fez mestrado em Literatura e Cultura na UFPB, onde se aprofundou nos estudos de Literatura Africana de língua portuguesa. Atualmente faz doutorado em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e orienta projetos nas áreas de literatura afro-brasileira, africana de língua portuguesa e infantojuvenil.



Cayo Ogam

Assim como toda criança ativa do interior, cresci em meio a brincadeiras e peraltices criativas que só o universo infantil permite. Filho de artesãos, convivi desde muito cedo com as artes manuais. Sou escultor e desenhista por essência, apaixonado por artes plásticas, ator e íntimo das demais modalidades cênicas e artesanais. Dessa forma, considero-me um artista versátil e moderno. Divirto-me fantasiando os pensamentos das crianças e dos adultos com historinhas infantis e aventuras teatrais que também escrevo.